

## LUÍSA SONZA: UMA PERFORMANCE DO FEMININO

Zimmermann, Maíra; Doutora (Unicamp); FAAP, mzandrade@gmail.com<sup>1</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa, em estágio inicial, deriva de algumas reflexões acerca de dualidades recorrentes em tipificações do feminino, engendradas dentro de uma sociedade estruturalmente patriarcal e machista. A partir de estereótipos visuais incrustados no tecido social, divulgados principalmente via mídia, podemos perguntar como se construíram tais dualidades: Corpo X Imagem do Corpo; Corpo Livre X Corpo Assujeitado; Vulgaridade do Corpo X Corpo Recatado.

São inúmeras as pesquisas acerca do universo feminino, feminista e de gênero. Porém, segue necessário levantar questionamentos como: Por que nós mulheres reiteramos a sexualização do corpo feminino produzida pela lógica masculina? O corpo sexualizado serve apenas para o prazer do Outro? Dos homens? Não pode servir ao autoprazer? O corpo exposto está necessariamente disponível ou fragilizado? Por que o corpo feminino exposto causa incômodo? É possível criar uma imagem de si sem o olhar do Outro? Afinal, a quem pertence o corpo feminino?

Para tentar responder a estas questões, objetiva-se analisar o efeito de sentido advindo do êxito que a cantora Luísa Sonza produziu a partir do lançamento de seu álbum de estúdio *Doce 22* (Universal Music Group, 2021), considerando que parte significativa desse sucesso se relaciona com o seu amadurecimento e profissionalização como *performer* pop, evidenciados principalmente em videoclipes e shows, e a imensa reação de ódio à cantora (*haters*) na “Internet”, principalmente no que diz respeito à exibição de seu corpo.

A polêmica sobre Luísa Sonza se dá no entorno de um corpo que se veste e se move fora dos parâmetros do comportamento “correto” para a “mulher de bem”. Ainda se reage – homens e mulheres –

---

<sup>1</sup> Maíra Zimmermann é historiadora, professora da graduação de Moda (FAAP) e da pós-graduação Moda e Criação (FASM). É especialista em história da moda, juventude e cultura pop. É autora do livro *Jovem Guarda: moda, música e juventude* (Estação das Letras e Cores; Fapesp: 2013).

a qualquer exibição sexualizada, preconceituosamente interpretada como apelativa e desrespeitosa. Desde os séculos XVIII e XIX o controle da mulher sobre o próprio corpo começou a ser discutido e reivindicado, despertando uma luta contra o duplo padrão da moral sexual, bem como pelo direito à busca pelo prazer e contra a objetificação das mulheres, pois cada pessoa deve controlar seu próprio corpo; a problemática da definição das fronteiras entre individuação e objetificação não será desconsiderada dentro dessa discussão<sup>2</sup>.

Uma parte do feminino seria insituável; em um regime de “todos os homens”, de acordo com Christiane Alberti em sua interpretação de Lacan, “há um inaceitável da posição da mulher”, decorrentemente, atribuíram-se à mulher locais fixos na sociedade (mãe, esposa, filha, virgem, puta). Contudo, as tentativas de regrá-la acabam fadadas ao fracasso e suscitam revolta<sup>3</sup>.

Para analisar o material audiovisual dos clipes de Luísa Sonza serão utilizadas principalmente duas autoras e o que seria possível no entrelaçamento de suas teorias: a proposta de Judith Butler (1988) sobre as performances de gênero, que são uma forma de ação na qual o processo de identificação é fluido e em constante devir<sup>4</sup>; e o conceito de *Camp*, de Susan Sontag (1964), o qual tem como marca “o espírito da extravagância”, que é “a arte que se propõe seriamente, mas não pode ser levada totalmente a sério porque é ‘demais’”<sup>5</sup>. A pretensão é refletir, a partir das questões e autoras acima elencadas, sobre a performatividade exibida na representação da *persona* Luísa Sonza em videoclipes de *Doce 22*, performatividade esta que mostra e vela ao Outro o que é mais íntimo de forma absolutamente teatral, pelo artifício e exagero *Camp*.

**Palavras-chave:** Luísa Sonza; feminino; performatividade; *Camp*.

<sup>2</sup> MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 66-67/134.

<sup>3</sup> ALBERTINI, Christiane. *Les Grandes Assises Virtuelles Internationales de l'Association Mondiale de Psychanalyse*, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=84y7HZTWixM> Acesso em 08/07/2022.

<sup>4</sup> BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Caderno de Leituras*, n.78. Edições Chão da Feira, 06/2018.

<sup>5</sup> SONTAG, Susan. *Notas sobre o Camp*, 1964. Versão online disponível em:

[https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2014/06/susan-sontag\\_notas-sobre-camp.pdf](https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2014/06/susan-sontag_notas-sobre-camp.pdf) Acesso em 08/07/2022.



**17<sup>o</sup>** COLÓQUIO  
**DE MODA**

16<sup>o</sup> FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
8<sup>o</sup> CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

EDIÇÃO ONLINE

